

Bolsonaro mira Supremo. Lula quer vencer em Minas



Presidente disse que pode descartar a proposta de ampliar a quantidade de ministros do Supremo Tribunal Federal, caso a Corte "baixe a temperatura", e também faz críticas à aliança entre Lula e Simone Tebet

Bolsonaro propõe condicionante ao STF

TAÍSA MEDEIROS

O presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a comentar ontem sobre a possibilidade de alterar a composição do Supremo Tribunal Federal (STF) em um eventual segundo mandato. Em entrevista ao canal Pillado, no YouTube, Bolsonaro disse que pode "descartar" a proposta, caso os integrantes da Corte "baixem a temperatura". A entrevista foi realizada por Thiago Asmar e Paulo Figueiredo Filho, neto do ex-presidente João Figueiredo, o último general a governar o país durante a ditadura militar, entre 1979 e 1985.

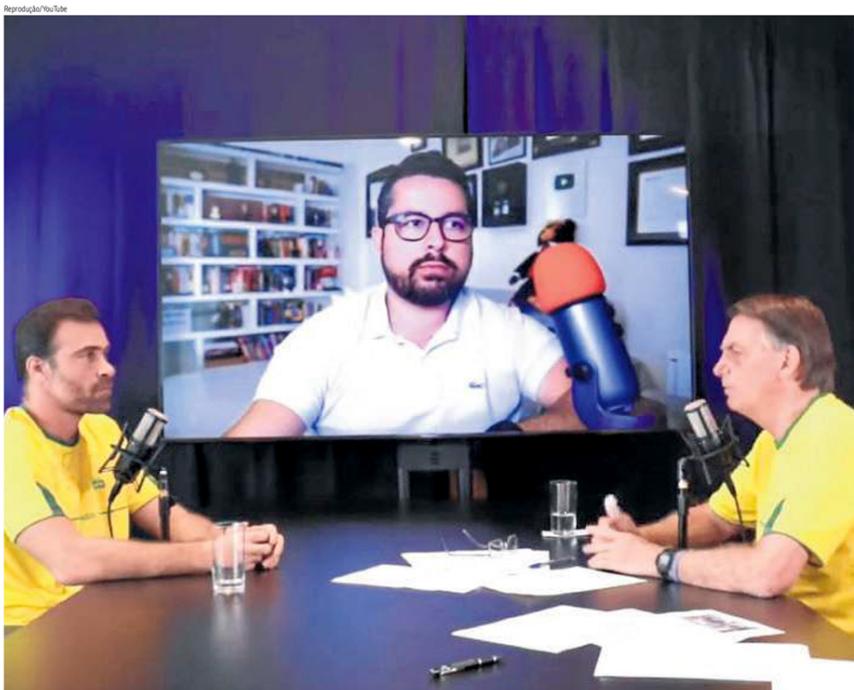
"Se eu for reeleito, e o Supremo baixar um pouco a temperatura, já temos duas pessoas garantidas lá (Kassio Nunes Marques e André Mendonça), tem mais gente que é simpática à gente, mas já temos duas pessoas garantidas lá, que são pessoas que não dão voto com sangue nos olhos, tem mais duas vagas para o ano que vem, talvez se descarte essa sugestão", detalhou.

A ampliação no número de integrantes do STF é defendida por aliados de Bolsonaro, seguindo a lógica de que, com mais ministros indicados pelo atual presidente, o diálogo com a Corte será mais fácil. Apesar de comentar o assunto nos últimos dias, não há nenhum projeto formal para tanto. O que é comentado pelo presidente é que existe uma proposta de alteração dos atuais 11 ministros para 16. Durante a entrevista, Bolsonaro disse que só debaterá este tema após as eleições.

Caso Bolsonaro ganhe as próximas eleições, o STF contaria com mais dois ministros indicados por ele, já que Rosa Weber e Ricardo Lewandowski estão próximos de se aposentar. Aumentando o número de ministros, o presidente poderia ter maioria dentro do Supremo.

O presidente destacou, ainda, a necessidade de que uma alteração dessa magnitude seja alinhada com o parlamento. "Se não for possível descartar, você vê como é que fica. Você tem que conversar com o Senado também para a aprovação de nomes. Você tem que conversar com as duas Câmaras sobre a tramitação de uma proposta nesse sentido", disse.

Mas, segundo ele, haverá resistência a uma proposta nesse sentido. "Está na cara que muita gente do Supremo vai para dentro da Câmara e do Senado (com posição) contrária (à proposta), porque, se você aumenta o número de ministros do Supremo, você pulveriza o poder deles. Eles passam a ter menos poder,



A entrevista foi realizada por Thiago Asmar e Paulo Figueiredo Filho, neto do ex-presidente João Figueiredo, o último general a governar o país durante a ditadura militar

Se eu for reeleito, e o Supremo baixar um pouco a temperatura, já temos duas pessoas garantidas lá (Kassio Nunes Marques e André Mendonça), tem mais gente que é simpática à gente"

Jair Bolsonaro, candidato do PL à reeleição

é lógico que não querem isso", completou. Apesar disso, o candidato à reeleição reiterou que a composição da Câmara e do Senado ficaram mais favoráveis para ele, facilitando as discussões de suas ideias no Congresso.

"É impossível eu governar mais quatro anos com o Supremo agindo com ativismo judicial. Eu tinha alguma dificuldade com o parlamento. Essa dificuldade, com a nova composição do parlamento, em especial no Senado, acabou. Porque quem faz leis é o parlamento brasileiro, não sou eu", frisou.

Outro lado

Bolsonaro também aproveitou a ocasião para tecer

críticas ao seu principal oponente, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), em especial relacionado às pautas de costumes. O candidato à reeleição disse que, em relação ao PT, não é necessário inventar notícias falsas. "Para você criticar o PT, não precisa de fake news. É só falar a verdade. Falar que o Lula é contra o aborto, contra a ideologia de gênero, falar que o Lula é honesto: aí é fake news!", ironizou.

Ao definir Lula como "mentiroso, estelionatário, corrupto, bandido e sem caráter", Bolsonaro disse não ser ofensa, mas, sim, a "realidade". "Um grande mentiroso, estelionatário, corrupto, bandido e sem caráter. Não estou ofendendo Lula, é uma realidade,

você mostra isso com ações dele ao longo de oito anos", disse. "É um cara que já ficou oito anos no poder, desgraçou o país, bateu muito na questão de religião, na família, a questão de banheiros unissex", completou.

A respeito dos demais candidatos que concorreram ao primeiro turno das eleições, o presidente focou suas críticas, em especial, à senadora Simone Tebet (MDB-MS). "Também criticou muito o Lula, com verdades, e de repente ela abre apoio explícito pra ele e me acusa de ditador. Onde que sou ditador?", questionou.

O presidente comentou, ainda, sobre suposta "perseguição" que sofre da imprensa brasileira

— a qual, segundo ele, é alinhada aos ideais de esquerda. "Ser de esquerda passou a ser bonito, com libertinagens. Nós não aceitamos isso. Então esse lado ideológico também pesou pro pessoal (da imprensa) dar pancada na gente. (...) Até anteontem aqui eu falei um pouco mais grosso, pessoal disse 'não fala assim'. Eu fui bastante objetivo, quase um desabafo para a imprensa, pelo que está acontecendo. O PT fala o tempo todo, o Lula, que vai controlar a imprensa", desafiou. "Se essa esquerda um dia voltar ao poder só tem uma maneira de se manter lá: calando a imprensa e não permitindo que o povo se comunique através das mídias sociais".

Candidatos travam batalhas no TSE

As campanhas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do candidato à reeleição, presidente Jair Bolsonaro (PL) não se enfrentam apenas nas urnas. Uma série de batalhas judiciais vêm sendo travadas em relação às estratégias eleitorais de cada um. Na sexta-feira, o PT entrou com uma representação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para que o Twitter cumpra o termo de cooperação firmado com a Corte para frear notícias falsas durante as eleições. Segundo a

legenda, uma rede de 34 perfis, que incluem figuras públicas, formariam uma rede articulada de fake news. Com medo de que o TSE atenda ao pedido da campanha petista, Bolsonaro fez um apelo, durante sua entrevista ao canal Pillado no YouTube, ontem: "Peço a Deus que nosso querido Alexandre de Moraes não entre nessa linha, até porque não tem motivos para derubar essas 33 páginas. Duas

são dos meus filhos", disse. Do outro lado, a campanha de Bolsonaro também recorreu à Corte para pedir a suspensão da veiculação de uma propaganda eleitoral em que associa o atual presidente a práticas de canibalismo. O ministro Paulo de Tarso Sanseverino determinou, no sábado, que a mídia fosse imediatamente suspensa. A decisão tem caráter provisório. Sobre o tema, Bolsonaro fez comentários com indignação durante a entrevista. "Fica o tempo

todo o pessoal batendo na mesma tecla, como agora: 'pô, ele é canibal'. Ninguém sabe o que aconteceu nos anos 1990, quando entrou esse assunto? Que eu publicamente falei? Que foi gravado em vídeo? Ninguém é canibal, meu deus do céu. Falamos sobre a tradição dos yanomamis, lá numa reserva indígena chamada strucucu", justificou. No vídeo, é exibido o trecho de uma entrevista de Bolsonaro em que ele afirmava que "comeria um índio sem problema

nenhum". A justificativa apresentada pela campanha de Bolsonaro foi de que a propaganda promove "grave e intencional descontextualização de entrevista concedida pelo candidato, como estratégia publicitária de desinformação e de criação artificial de estados mentais, emocionais e passionais, sugerindo que o representado seria capaz de consumir carne humana", diz o texto. O presidente afirmou, ainda, que não é verdadeiro que o ex-presidente Fernando Collor,

que sofreu impeachment em 1992, será seu ministro, em caso de vitória nas urnas. "Segundo o (André) Janones (aliado de Lula), esse mentiroso, mal terrível a nação, eu vou colocar o Collor como ministro do Trabalho e Previdência e nós vamos confiscar a aposentadoria de todo mundo. Não sei quantos milhões de aposentados. Tem gente que acredita", apontou. Bolsonaro disse que não há chances de que Collor seja convidado para ser seu ministro. (TM)



Depois de ganhar de Bolsonaro no estado, o candidato do PT amplia a ofensiva para tentar "manter o cinturão" no segundo turno. Petista manda recado a Zema, que anunciou apoio ao presidente Jair Bolsonaro

Lula investe pesado em Minas

» ÍGOR PASSARINI
» MATHÉUS MURATORI
» NATASHA WERNECK
» THIAGO BONNA

Belo Horizonte — A região centro-sul da capital mineira amanheceu com o dia nublado, ontem, e as ruas lotadas de camisas e bandeiras vermelhas. A presença do candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, mobilizou milhares de mineiros para uma caminhada entre as praças da Liberdade e Tiradentes, no Bairro Funcionários. Além de ressaltar a representatividade de Minas Gerais, o petista mandou recado ao governador reeleito de Minas, Romeu Zema (Novo), sobre o apoio dele ao seu adversário neste segundo turno, o presidente Jair Bolsonaro (PL). O petista também afirmou que, se for eleito, destinará mais recursos para Minas Gerais. O ato faz parte de nova estratégia do presidencialista para a reta final da campanha. "Carta marcada" na agenda de ambos os candidatos desde o primeiro turno, Minas foi uma das principais pautas do ex-presidente.

A sensação é de que Lula quer "defender o cinturão" conquistado no estado, segundo maior colégio eleitoral do país. Além disso, o papel dos mineiros nas eleições é histórico. Desde o pleito presidencial de 1955, quem venceu em Minas chegou à Presidência do Brasil. De acordo com o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 12.655.228 de eleitores do estado foram às urnas em 2 de outubro, ficando atrás apenas de São Paulo, com 27.189.714 de pessoas. Na apuração final, Lula venceu Bolsonaro com diferença de 563 mil votos.

Antes de iniciar o percurso entre as duas praças da capital mineira, o petista deu coletiva de imprensa. Ao lado dele, estavam diversos aliados políticos, como o prefeito de Belo Horizonte, Fuad Noman (PSD); o ex-prefeito Alexandre Kalil (PSD); a presidente do PT, Gleisi Hoffmann; o deputado federal reeleito André Janones (Avante) e a sua futura colega na Câmara Duda Salabert (PDT).

Um dos temas abordados pelo ex-presidente foi o apoio do governador reeleito de Minas, Romeu Zema (Novo), a Bolsonaro no segundo turno. No primeiro, o chefe do Executivo estadual evitou associar seu nome ao do presidente. O partido de Zema lançou Felipe d'Ávila à Presidência. "Quero deixar bem claro que o governador Zema tem liberdade de apoiar quem ele quiser. Não me oporei e nunca pensei que fosse ser diferente. Segundo, a única coisa que tem que levar em conta é não pensar que o povo é gado, é não pensar que o povo pode ser tangido para lá ou para cá. O povo tem consciência do que está acontecendo no país. Então, é só tomar cuidado para não tratar o povo como rebanho, tratar o povo como cidadão de inteligência, consciente, sabendo do que quer", ressaltou Lula.

"Se o governador souber 10% do que nós fizemos em Minas Gerais, ele terá um problema de remorso ao não me apoiar. Quando ele souber que no nosso governo, em 13 anos, foram colocados à disposição do governo de Minas Gerais R\$ 260 bilhões", disse o petista, ao mostrar uma colinha com todos os feitos de sua gestão no estado. Lula também

Túlio Santos/EM/DA Press



Durante o ato político em Belo Horizonte, Lula também acusou Bolsonaro de ser o "campeão mundial das fake news" e que vai usar repentes antes de debates com o presidente

disse que, caso eleito, quer conversar com Zema sobre o hospital regional de Divinópolis, no centro-oeste do estado. Segundo ele, esta é uma prioridade a ser tratada em seu governo e será negociada com o chefe do Executivo estadual.

"É engraçado que tem um hospital regional sendo feito lá na cidade que está com as obras dele paralisadas. Eu não conheço o governador Zema, mas sei que ele foi eleito governador do estado no primeiro turno. Se eu for eleito presidente da República, ou ele vai conversar comigo em Brasília, ou eu venho para Belo Horizonte conversar com ele, porque a gente vai acabar esse hospital-escola e fazer ele prestar serviço à comunidade da região de Divinópolis. Não podemos deixar, num país que precisa de saúde, hospital parado", disse.

Lula também destacou que o diálogo com Zema ocorrerá independentemente de partido



Quero deixar bem claro que o governador Zema tem liberdade de apoiar quem ele quiser. Não me oporei e nunca pensei que fosse ser diferente"

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT ao Planalto

ou apoio durante as eleições de 2022. "Durante o processo eleitoral, cansei de dizer: que quando você é chefe de Estado, você não faz distinção na relação com os entes federados. Não quero saber de que partido é o governador ou prefeito. Se ele foi eleito, merece ser tratado com dignidade, respeito e decência em qualquer lugar do país. Foi assim que eu tratei prefeitos e governadores durante oito anos. A minha relação com o Aécio (Neves) sempre foi uma relação altamente produtiva", apontou.

Já no discurso ao final da caminhada, Lula citou a Inconfidência Mineira, de 1789, que lutou contra o domínio português, e a execução de Tiradentes, que dá nome à praça onde parte do ato desse domingo, ocorreu pelos governantes da época. "Foi aqui em Minas Gerais que surgiu o primeiro embrião da Independência do Brasil. O que vocês estão demonstrando hoje é que os ditadores da época enforcaram Tiradentes, esquartejaram, salgaram e penduraram em um poste a sua carne para que ninguém

nunca mais ousasse falar em independência. O que eles não sabiam é que eles mataram apenas a carne. As ideias continuaram com o povo de Minas Gerais", declarou Lula.

Na sequência, o petista disse que "Minas não suporta ditadura, Minas não suporta opressão". E defendeu uma política pública voltada para emprego, cultura, mais oportunidades para os jovens e respeito às mulheres. Ao tentar conquistar votos dos eleitores mineiros, ele chegou a comparar com futebol. Segundo o petista, quem torce para um time não abre mão para o rival, como é o caso de Cruzeiro e Atlético.

"Quem é cruzeirense não abre mão de ser cruzeirense e quem é atleticano não abre mão de ser atleticano. Nós temos aí alguns torcedores do América que nós vamos tentar ganhar, que é o pessoal da abstenção, pessoal que está aí, que não votou no primeiro turno", brincou.

Militância está confiante

Eleitores que acompanharam o ato do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva estão confiantes na vitória no dia 30. "Estamos com muita expectativa e com muito amor. Vimos pelo Brasil, pela democracia", declarou Raquel Rodrigues, ao lado das amigas Meryane Bastos, Heloisa Oliveira e Andreza Gonçalves. "Fora Bolsonaro, o recado está dado agora, depois da pandemia. O recado agora é dia 30", completaram.

Já a comerciante Vera Lúcia Teodoro, que estava vendendo bandeiras, bandanas e bonés do candidato, comemorou a quantidade de clientes desde o início do evento deste domingo. "Está tendo muita procura, graças a Deus. Com essa vitória do Lula no primeiro turno, e agora no segundo, que ele vai ser reeleito, está muito boa a expectativa", revelou.

Aliado de Lula na eleição presidencial deste ano, o deputado federal reeleito Janones espera que o petista vença novamente. "Expectativa boa, a gente espera confirmar essa vitória do primeiro turno agora nesse segundo", disse o parlamentar ao *Estado de Minas*, durante ato em Belo Horizonte. Ele também comentou o apoio de Zema a Bolsonaro: "A gente espera, com nosso trabalho, no corpo a corpo, com os deputados eleitos, conseguir contrapor".

Participação em dois debates

Durante seu discurso em Belo Horizonte, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva chamou o presidente Jair Bolsonaro de "genocida" ao se referir aos desentendimentos entre os dois durante debates na TV no primeiro turno. Para este mês, há cinco debates agendados, mas Lula deve ir somente a dois deles. As datas são dia 16, da Band; 17, da RedeTV; 22, do SBT; 23, da Record; e

28, da Globo. "Ainda vou para o Rio de Janeiro, ainda vou voltar uma vez para Minas Gerais, ainda vou ficar muitas vezes em São Paulo, ainda vou à Bahia, ainda vou a Sergipe, ainda vou a Alagoas, ainda vou ao Amazonas, e vou ter dois debates com o 'genocida'", afirmou, no discurso, que durou 11 minutos.

Após dizer que deve participar dos confrontos na TV, o

ex-presidente disse que vai "colocar muito repente no corpo com medo de uma mordida" de Bolsonaro. "Ele disse numa entrevista para o *New York Times* que ele teria coragem de comer carne de índio. Se ele pensar em dar uma mordida no pernambucano, ele vai morrer envenenado", completou.

O ex-presidente também acusou seu adversário de ser o

"campeão mundial das fake news". Em setembro, Lula conseguiu uma vitória no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), com a derrubada de 15 fake news de adversários. Entre elas, está a determinação de que fossem apagados tuitos do próprio Bolsonaro, nos quais o presidente associava Lula ao Primeiro Comando da Capital (PCC).

"Nós estamos fazendo uma campanha diferente de todas as

campanhas que eu participei na vida. É uma campanha mais renhida, mais polarizada, com um adversário mais teimoso e mais tímido, um adversário que não faz nenhum sacrifício para contar uma mentira. Ele não se importa em ser o campeão mundial de fake news, não se importa com a qualidade da fake news, ele não tem compromisso com a verdade", declarou.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 2 e 3